

O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero

Nalu Faria e Miriam Nobre

Quando uma criança nos pergunta por que a Terra é redonda ou, porque o céu é azul, temos duas saídas. Responder porque sim ou pensar, procurar uma resposta, que só vai provocar novas perguntas. Este texto é para quem prefere o segundo caminho.

O que é ser mulher? O que é ser homem? Por que mulheres e homens vivem em condições de desigualdade? Por que se diz que algumas coisas são de mulheres e outras de homens? Por que as mulheres são consideradas inferiores e vivem situações de injustiça por serem mulheres? Onde é que isto tudo começa?

A construção social da desigualdade de gênero

Vamos começar pelos bebês. As pessoas nascem bebês machos e fêmeas e são criadas e educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher: Os adultos educam as crianças marcando diferenças bem concretas entre meninas e meninos. A educação diferenciada dá bola e caminhãozinho para os meninos e boneca e fogãozinho para as meninas, exige formas diferentes de vestir, conta estórias em que os papéis dos personagens homens e mulheres são sempre muito diferentes. Outras diferenças aparecem de modo mais sutil, por aspectos menos visíveis, como atitudes, jeito de falar, pela aproximação com o corpo.

Educados assim, meninas e meninos adquirem características e atribuições correspondentes aos considerados papéis femininos e masculinos. As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes. Os atribuídos às mulheres não são só diferentes dos do homem, são também desvalorizados. Por isso, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens.

Usamos as expressões identidades de gênero e relações de gênero para deixar bem claro que as desigualdades entre homens e mulheres são construídas pela sociedade e não determinadas pela diferença biológica entre os sexos. Elas são uma construção social, não determinada pelo sexo.

Compreender essa construção social, não significa desconsiderar que ela se dá em corpos sexuados. Compreendemos que há uma estreita imbricação entre o social e o biológico. Como disse Guacira Lopes Louro, gênero também tem uma dimensão e uma expressão biológica. Assim, mulheres e homens imprimem no corpo, gestos, posturas e disposições, as relações de poder vividas a partir das relações de gênero.

Os modelos de feminino em nossa sociedade são criados a partir de símbolos antagônicos: Eva e Maria, bruxa e fada, mãe e madrasta. Essas definições propõem o que é bom para as mulheres e culpam-nas quando não respondem a esse padrão.

A partir da consolidação do capitalismo, existe a idéia de que ocorre uma divisão entre as esferas pública e privada, sendo que a esfera privada é considerada como o lugar próprio das mulheres, do doméstico, da subjetividade, do cuidado. A esfera pública é considerada como o espaço dos homens, dos iguais, da liberdade, do direito.

Nessa compreensão, o papel feminino tradicional estabelece a maternidade como principal atribuição das mulheres e, com isso também o cuidado da casa e dos filhos, a tarefa de guardiã do afeto e da moral na família. Ela é uma pessoa que deve sentir-se realizada em casa. O homem típico é considerado o provedor, isto é, o que trabalha fora, traz o sustento da família, realiza-se fora de casa, no espaço público. Para uma mulher, ainda é considerado mais adequado ser meiga, atenciosa, maternal, frágil, dengosa, e do homem, o que ainda se espera, é que tenha força, iniciativa, objetividade, racionalidade.

Esse modelo de vida, em que os homens trabalham fora e as mulheres só fazem o trabalho doméstico, nunca existiu, de verdade, desse jeito. Na realidade, só uma parcela muito pequena de mulheres vive essa situação.

As mulheres negras, por exemplo, sempre trabalharam fora de casa, primeiro como escravas e depois na prestação de serviços domésticos ou como vendedoras ambulantes, circulando por muitos espaços públicos. Para as mulheres camponesas, o que é chamado de cuidar da casa esconde o trabalho na roça, a produção de artesanato, o cultivo da horta e a criação de animais, trabalho que produz mercadorias, cuja venda contribui para o sustento da família. Além disso, nas cidades, muitas mulheres vivem sozinhas com seus filhos e são as principais responsáveis por sua manutenção. E muitas, muitas outras trabalham fora e dividem com o marido o sustento da casa.

E por que ainda é tão forte a idéia de que mulher deve seguir o modelo de mãe e dona-de-casa? E por que ainda é tão forte a idéia de que o trabalho fora de casa cabe apenas ao homem? A persistência nessas idéias tradicionais e nunca realizadas plenamente costuma ser justificada pela idéia de que esses papéis são naturais, isto é, homens e mulheres já nascem para ser desse jeito. Dizemos que a naturalização é o principal mecanismo de justificativa dessa situação.

A naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta fazer crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam esses papéis é fundamental para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais.

Se os papéis femininos e masculinos são uma construção histórica, as relações entre homens e mulheres que daí decorrem também variam ao longo da história. A nossa geração sabe que essas relações sofreram profundas mudanças nos últimos trinta anos, em grande parte como fruto da ação organizada das mulheres e do feminismo.

Divisão sexual do trabalho

As relações de gênero são sustentadas e estruturadas por uma rígida divisão sexual do trabalho. O papel masculino idealizado é de responsabilidade pela subsistência econômica da família e a isso corresponde designar o trabalho do homem na produção. A atribuição do trabalho doméstico designa as mulheres para o trabalho na reprodução: ter filhos, criá-los, cuidar da sobrevivência de todos no cotidiano.

O que se observa é que essa divisão entre trabalho reprodutivo e produtivo não é tão real assim. Há homens trabalhando no campo da reprodução e há muitas mulheres na produção.

No entanto, o mito que designa um tipo de trabalho para cada gênero influencia o real. Pode-se dizer que a divisão sexual do trabalho perpassa o conjunto das atividades realizadas por homens e mulheres. É comum ouvir dizer que tal serviço é trabalho "de homem" ou que tal tarefa é tarefa "de mulher".

No caso das mulheres, a tentativa é sempre de considerar o trabalho realizado fora da casa como uma extensão do seu papel de mãe. As mulheres se concentram em atividades consideradas tipicamente femininas como serviço doméstico, professoras, enfermeiras, assistentes sociais. Em 1990, 30% das mulheres que se declararam como trabalhadoras na pesquisa do IBGE eram empregadas domésticas, costureiras e professoras primárias.

A maioria das professoras dá aulas para o primário, já são menos as que trabalham no nível secundário e muito poucas as da universidade. Quando estão na universidade, elas se concentram em determinadas áreas, como educação e psicologia, e têm menos acesso a promoção, a títulos etc. Este exemplo mostra que, mesmo dentro de uma determinada categoria, formas de divisão sexual são recriadas. Um outro exemplo: as mulheres são minorias entre os escritores literários, mas a maioria das mulheres escritoras são autoras de literatura infantil.

Na indústria, as mulheres são embaladoras, montadoras e costureiras, funções que exigem habilidade manual, coordenação motora fina, paciência. As habilidades para exercer essas profissões foram sendo desenvolvidas no processo de educação das meninas: brincando de casinha, cuidando dos irmãos, bordando, ajudando a mãe no trabalho doméstico. As pessoas "esquecem" que as meninas precisam treinar para aprender tudo isso e agem como se toda mulher já nascesse com essas "aptidões", como se fosse uma dádiva da natureza. Se é dádiva da natureza, não precisa ser reconhecida, nem devidamente remunerada. Porém, se os homens fossem ser treinados para realizar essas tarefas, seria necessário um grande investimento.

O trabalho das rurais também é menos valorizado que o dos homens. A pesquisadora Maria Inês, comparando as etapas do trabalho agrícola na cana-de-açúcar, em diferentes regiões do Nordeste, pôde perceber uma diferença significativa. Carpir, no sertão nordestino, era uma tarefa dos homens e era considerado um trabalho pesado. Carpir; no Brejo Paraibano, era tarefa das mulheres e era considerado trabalho leve. Como se vê, no cultivo da cana o que caracterizava um trabalho como leve ou pesado não era a força física necessária para executá-lo, mas o valor social de quem o fazia. Sempre que o trabalho é considerado de mulher; ele é leve, é coisinha à-toa, é ajuda.

Desigualdade e pobreza

Como os homens é que são considerados os provedores da família, o trabalho profissional das mulheres é sempre visto como complementar às suas "responsabilidades" domésticas, estas, sim, sua verdadeira ocupação. A partir dessa idéia, surgem várias conseqüências negativas para as mulheres. A primeira é a de que os salários delas podem ser baixos, já que o que elas ganham é visto como suplementar: Quem não se lembra do Maluf dizer que o problema das professoras de São Paulo não era o salário baixo, mas serem mal-casadas?

Em segundo lugar, os serviços públicos não se organizam para assegurar às mulheres condições de trabalharem fora. Não existem serviços de apoio, como creches, abrigos para idosos, lavanderias coletivas. Os postos de saúde e as escolas

têm horários restritos, como se todas as mães estivessem o tempo todo em casa, à disposição da família, prontas para levar crianças e outras pessoas à escola e ao médico somente nesses horários. Dessa forma, muitas mulheres "optam" por ocupações em que há maior flexibilidade de horários: elas "escolhem" trabalhos em tempo parcial ou no mercado informal, "belas escolhas", que não garantem direitos trabalhistas e oferecem poucas perspectivas de crescimento profissional.

O resultado disso é uma enorme desigualdade na distribuição dos recursos e do poder na sociedade, entre homens e mulheres. Segundo a ONU, as mulheres executam 2/3 do trabalho realizado pela humanidade, recebem 1/3 dos salários e são proprietárias de 1 % dos bens imóveis. Dos quase 1,3 bilhão de miseráveis do mundo, 70% são mulheres.

Sexualidade

A sexualidade é uma questão bastante complexa e compreendê-la exige olhar ao mesmo tempo várias questões. Mas, de forma geral, podemos dizer que a sociedade tenta impor normas que refletem o que se considera mais correto de acordo com os papéis sexuais definidos pela construção dos gêneros. Por isso, o controle da sexualidade das mulheres, o controle da função procriativa e a criminalização do aborto fazem parte da opressão das mulheres. Dessa forma, a vivência da sexualidade foi desde vários séculos rodeada por tabus e mitos, que têm como ponto em comum, considerar pecado, desvio, doença, exagero, falta de pudor e até mesmo crime, as manifestações da sexualidade feminina.

A partir disso, as mulheres em geral têm vivido sua sexualidade de acordo com os padrões impostos como os mais corretos, considerando o papel social de esposas "honestas" e mães dedicadas que lhes é destinado. Outras vivem como "profanas" e, portanto, indignas de respeito: são "as piranhas, as usadas, as fáceis, as putas". Uma das formas de definição desse modelo passou pelo estabelecimento de um duplo padrão do que é ou não correto em relação à sexualidade.

Para os homens, a idéia da virilidade é sinônimo de muitas relações sexuais, de preferência com muitas mulheres diferentes. As mulheres, ao contrário, devem

viver a sexualidade em função da reprodução, negando o prazer. A repressão à sexualidade feminina em boa parte se dá pelo desconhecimento do corpo e pela imposição de regras rígidas do que significa ser uma mulher "honesta".

Mas há aí uma contradição, pois nem todas as mulheres podem ser "honestas". Se os homens precisam de mulheres "honestas" para o casamento e os filhos, têm que existir as "outras", para o livre desfrute da sexualidade sem responsabilidade, só para o prazer. Nesse caso também se estabelece um duplo padrão de comportamento sexual para as mulheres: o que uma mulher livre faz, uma esposa não pode fazer nem desejar. Claro que esse duplo padrão se estabelece sempre em função do desejo dos homens.

Heterossexualidade obrigatória

A sexualidade aparece como parte da "natureza humana" vinculada à reprodução, o que leva a considerar as relações heterossexuais como a única maneira correta de viver a sexualidade. Desta forma, a homossexualidade e a bissexualidade são consideradas como desvios e, historicamente, há a tentativa da ciência de provar que essas outras orientações não são "normais" e que ocorrem por algum problema biológico ou por problemas psicológicos.

As crianças desde muito cedo são levadas a incorporar os símbolos da heterossexualidade e estes aparecem vinculados ao casamento e à família. No entanto, é visível que as crianças vivem sua sexualidade a partir do interesse de explorar seu corpo e o das outras crianças e, claro, desfrutando das sensações de prazer que encontram.

Desde cedo aparecem os mecanismos de repressão diretos ou sutis, vinculando a sexualidade ao namoro (com alguém do sexo oposto) e ao casamento, e essa segunda parte, "só quando crescer". As histórias dos contos de fadas, com seus príncipes corajosos, suas princesas lindas e meigas, envolvidos por um fulminante amor eterno, são talvez o simbolismo mais forte dessa educação.

Ainda hoje se tenta conformar a sexualidade feminina ao papel subordinado que é destinado às mulheres: Ou seja, as regras para a sexualidade feminina são quase as mesmas de um século atrás, mantém-se a dupla possibilidade de virtuosas e não-virtuosas, sendo que a fronteira entre essas duas expressões é bastante tênue. Ambas se referem a como às mulheres se manifestam: se expressam seus desejos ou se aceitam os padrões impostos de mulheres "honestas".

A realidade nos mostra que nem sempre a vivência da sexualidade é totalmente definida por essas normas. Existe uma certa independência da sexualidade em relação às identidades e papéis de gênero. A sexualidade tem a ver com desejo e prazer. Não podemos dizer que a experiência sexual de todas as mulheres é só tristeza e humilhação, porque muitas experimentam também alegria e prazer: Muitas nunca experimentaram o prazer, mas outras experimentaram alegria ou tristeza, dependendo do momento de vida, do relacionamento. Da mesma forma, muitas se rebelaram em situações de repressão e transgrediram as normas impostas.

Violência

A violência contra as mulheres expressa a demonstração de poder dos homens e a idéia de que as mulheres são objeto de posse. É uma forma de reproduzir e manter o machismo e de dizer o tempo todo que a mulher é inferior:

Esse tipo de violência se manifesta de muitas maneiras: espancamento, insultos, ameaças, estupros, assédio, assassinatos, mas também em formas sutis de desqualificação das mulheres, como quando alguém diz que uma mulher é boa profissional, "apesar de ser mulher".

Como se mantém a violência

E o que é que contribui para manter a violência contra as mulheres? A impunidade dos agressores, a transformação da vítima em ré (a mulher é sempre a culpada, é quem provocou, é quem fez por onde), o silêncio das mulheres agredidas, as idéias sobre a inferioridade das mulheres. Antes de existirem as

delegacias de defesa da mulher, as mulheres tinham muito receio de denunciar as agressões, porque depois de apanharem em casa muitas vezes eram humilhadas e recebiam novas agressões nas delegacias.

A violência impune humilha as mulheres e destrói seu amor-próprio. É comum os homens iniciarem suas agressões quando as mulheres estão com pouco amor-próprio e não se sentem capazes de reagir. Então, a atitude que pode parecer um consentimento com a situação de violência revela uma relação de dependência, uma relação em que estão presentes mecanismos de coerção.

A dependência, os sentimentos de desvalorização e de culpa acabam fazendo com que a mulher acredite que não há saída ou que a culpa é dela mesma. Em uma relação afetiva esses sentimentos se misturam com a esperança de que o homem vai mudar, ou com a idéia, bastante comum nas mulheres, de que ela é responsável e poderá salvá-lo.

Família

A sociedade estabelece um modelo-padrão de família, no qual se espera que todas as pessoas se enquadrem. O modelo considerado ideal de família em nossa sociedade é chamado mononuclear, ou seja, constituído por um núcleo que são o pai, a mãe e as filhas ou filhos, de preferência poucos, melhor ainda se forem um casal.

A família é considerada o lugar de socialização das crianças, o lugar onde se criam e se educam. É na família que as crianças fazem seus primeiros aprendizados para a divisão sexual do trabalho e é nesse ambiente que elas adquirem grande parte da sua identidade de gênero. É na família que a criança começa a aprender o que é "ser homem" e o que é "ser mulher".

A família é apresentada como o lugar do afeto e onde se deve garantir o equilíbrio psicológico das pessoas. As mulheres, chamadas "esteio da família", são consideradas as responsáveis por essa suposta harmonia.

A família também é o lugar em que se dá a reprodução material das pessoas. A renda que cada membro traz para casa é organizada para propiciar o consumo de todos.

Na divisão do bem-estar e do conforto dentro da família, mais uma vez podemos perceber a desigualdade de gênero. As mulheres geralmente trazem a maior parte dos seus rendimentos para o consumo da família, enquanto que os homens usam parte significativa com seus gastos pessoais. Em algumas situações, ainda se vê na família uma distribuição desigual de recursos, até mesmo de comida: os melhores pedaços vão para os pratos do marido e dos filhos homens.

O trabalho doméstico – cozinhar, cuidar da roupa, limpar a casa e a socialização das crianças - é essencial para a existência e reprodução das pessoas, para elas poderem descansar e se recompor para irem trabalhar no dia seguinte.

As tarefas chamadas domésticas são realizadas nas casas praticamente quase que só pelas mulheres, como trabalho não-pago, que assim serve para baratear o custo da reprodução da força de trabalho. Basta ver quanto custa a comida pronta e a lavagem da roupa na lavanderia para se começar a ter uma idéia desse barateamento.

Educação

A escola é um agente socializador dos seres humanos, tanto quanto a família, e isto significa que junto com o conhecimento, a escola também transmite valores, atitudes e preconceitos.

Tradicionalmente a escola tem reforçado a desigualdade entre mulheres e homens. Isso ocorre, por exemplo, na forma como se lida com meninos e meninas: a divisão nas filas, a divisão de tarefas (meninas como ajudantes da professora), o que a escola reforça em um e no outro ("isso não é coisa de menina" ou "está até parecendo uma menina", ("comporte-se como um menino").

Os livros didáticos também reproduzem e reforçam a desigualdade, apresentando estereótipos sobre o que é uma família, como são as mulheres, como

vivem as mulheres negras. Nos livros didáticos as famílias são sempre brancas, o pai tem um emprego fora de casa e a mãe aparece sempre de avental, servindo a mesa ou costurando. O menino está sempre brincando de caminhãozinho ou bola e a menina está sempre com uma boneca, olhando o irmãozinho brincar de coisas mais interessantes.

Nos livros de Ciências só os meninos aparecem fazendo experiências. Quando, de vez em quando, aparece uma menina, ela está lá atrás, observando, ou é a encarregada de providenciar os materiais para a experiência que os meninos vão fazer. Isso tudo reforça as idéias preconceituosas da sociedade de que as meninas não têm jeito para a ciência, de que só homens podem ser cientistas.

Ainda nos livros didáticos, a mulher negra costuma aparecer sozinha, sem família, e no papel da empregada que serve a mesa para a família branca, como se ainda estivéssemos no tempo da escravidão.

As atividades na Educação Física são divididas e reproduzem preconceitos até nas brincadeiras, como aquela que diz "quem chegar por último é mulher do sapo".

A professora na maioria das vezes é tratada como a segunda mãe ou tia. Isso significa não reconhecer sua profissionalização e considerar o ato de educar como extensão do papel de mãe.

A reprodução do machismo

Como mães e professoras, as mulheres muitas vezes reproduzem o machismo e as idéias dominantes na sociedade, que pregam a suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Não podemos nos esquecer de que as idéias dominantes na sociedade são dominantes justamente porque estão na cabeça da maioria dos homens e das mulheres também. Essas idéias são repetidas à exaustão na família, na escola, nas igrejas, nos meios de comunicação, e não é de estranhar que muitas mulheres se convençam delas.

Mulheres que pensam diferente, principalmente as que se organizam nos movimentos de mulheres, têm que ter muita coragem para expor suas idéias,

porque os que pensam como a maioria fazem de tudo para ridicularizá-las e diminuir a importância do que estão dizendo.

Meios de comunicação

Os meios de comunicação têm se posicionado de maneira contraditória quanto às mulheres. Por um lado, abrem espaço para uma maior discussão sobre a condição feminina, talvez respondendo a anseios que estão percebendo na população. No início dos anos 80, por exemplo, o programa TV Mulher colocava discussões modernas sobre a questão da mulher. Atualmente os meios têm dado alguma cobertura para a discussão sobre o aborto. Por outro lado, como a mídia não defende interesses homogêneos, também trata as mulheres nas propagandas, nas telenovelas, no noticiário, de forma a reforçar seu papel tradicional. Esse é o caso da maioria das propagandas de materiais de limpeza que tem por mote: "como continuar bonita sendo uma boa dona-de-casa".

O tratamento é diferenciado conforme o público que os meios querem atingir. Os programas mais informativos da televisão, por exemplo, são apresentados em horários menos nobres. Nas novelas, que são os programas mais assistidos, trata-se as mulheres de forma muito estereotipada, mesclada com alguns momentos mais críticos. Nos programas de humor, praticamente não há momentos críticos, só repetição das idéias dominantes mesmo: mulher interesseira, loura burra, sogra horrenda.

As revistas femininas, vendidas às centenas de milhares por mês, permanecem em assuntos estereotipados: moda, beleza, decoração, culinária, como cuidar dos filhos e como agarrar, agradar e conservar o seu homem. São raros os artigos que saem das idéias dominantes. Nas revistas ditas masculinas, o corpo das mulheres é exposto ao desfrute, transformando-as de pessoas em objeto sexual.

As mulheres aparecem muito nas capas das revistas femininas e masculinas, mas quase nunca na primeira página do jornal. Elas têm pouco poder político e econômico, mas nem esse pouco aparece na primeira página, reservada aos políticos, esportistas homens, banqueiros, empresários. As poucas mulheres que

aparecem na primeira página ganham esse espaço quando morrem (como a princesa Grace Kelly), quando vão presas (como a Deolinda, do Movimento dos Sem-Terra) ou quando são motivo de escândalo.

A organização do movimento de mulheres

O feminismo é um conjunto de idéias e práticas que visam superar as desigualdades entre homens e mulheres e acabar com as situações de opressão e exclusão das mulheres. O feminismo é uma teoria política que tem expressão social desde o fim do século passado.

As mulheres sempre lutaram por sua liberdade e em todas as épocas temos exemplos de mulheres excepcionais, de ações de resistência e de elaboração de tratados e manifestos em defesa da igualdade. No fim do século XIX e no início do atual, as mulheres formaram amplas organizações que lutaram e conquistaram o direito à educação, ao voto e ao acesso a determinadas profissões, como magistério e advocacia.

Conceito de gênero

O conceito de gênero procura explicar as relações entre mulheres e homens. Ele surgiu após muitos anos de luta feminista e de formulação de várias tentativas de explicações teóricas sobre a opressão das mulheres.

A idéia de que existe uma construção social do ser mulher já estava presente há muitos anos. Mas, permaneciam dificuldades teóricas sobre a origem da opressão das mulheres, sobre como inserir a visão da opressão das mulheres no conjunto das relações sociais, sobre a relação entre essa e outras opressões, como, por exemplo, a relação entre opressão das mulheres e capitalismo. Não existia uma explicação que articulasse os vários planos em que se dá a opressão sobre as mulheres (trabalho, família, sexualidade, poder, identidade) e, principalmente, uma explicação que apontasse com mais clareza os caminhos para a superação dessa opressão. Nesse sentido, o conceito de gênero veio responder a vários desses impasses e

permitir analisar tanto as relações de gênero quanto a construção da identidade de gênero em cada pessoa.

O conceito de gênero foi trabalhado inicialmente pela antropologia e pela psicanálise, situando a construção das relações de gênero na definição das identidades feminina e masculina, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos (desiguais).

Esse conceito coloca claramente o ser mulher e ser homem como uma construção social, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino e dos papéis sociais destinados a cada um. Por isto, gênero, um termo emprestado da gramática, foi a palavra escolhida para diferenciar a construção social do masculino e feminino do sexo biológico.

Gênero é um conceito relacional, ou seja, que vê um em relação ao outro e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens sobre as mulheres.

Hoje em dia, esse conceito é usado praticamente pelo conjunto do feminismo, o que proporcionou um salto coletivo na direção da discussão teórica. Ajudou a romper com as dicotomias antes colocadas: divisões entre específico-geral, público-privado, produção-reprodução, porque busca compreender como as relações de gênero estruturam as práticas sociais nas diversas esferas. Ele permite trabalhar generalizações e particularidades, porque podemos perceber o significado de gênero na sociedade como um todo, assim como na experiência individual ou de um grupo.

As contribuições do conceito de gênero

O conceito de gênero nos trouxe várias contribuições. Vejamos:

1º) Ao afirmar a construção social dos gêneros, coloca que as identidades e papéis masculino e feminino não são um fato biológico, vindo da natureza, mas algo construído historicamente e que, portanto, pode ser modificado. A construção social dos gêneros tem uma base material (e não apenas ideológica) que se expressa na divisão sexual do trabalho.

2º) O conceito de relações de gênero nos leva à noção de práticas sociais, isto é, o pensar e agir dentro de uma determinada sociedade, e à existência de práticas sociais diferentes segundo o sexo. Mas, se as pessoas são permeáveis às relações sociais, elas também agem sozinhas ou coletivamente, sobre estas relações, construindo suas vidas por meio das práticas sociais.

3º) As relações de gênero são hierárquicas e de poder dos homens sobre as mulheres. Essas relações de poder são as primeiras vividas por todas as pessoas e é com elas que começamos a apreender o mundo. Ou seja, a relação das pessoas com o mundo se inicia a partir dessas relações de poder e se reproduz no conjunto da sociedade e das instituições. Sendo assim, modificar essas relações implica uma nova correlação de forças, construída pela auto-organização das mulheres e mais favorável a elas.

4º) As relações de gênero estruturam o conjunto das relações sociais e, portanto, não existe uma oposição entre questão das mulheres (que seria específica) e questão da sociedade (que seria geral). Os mundos do trabalho, da política e da cultura também se organizam conforme a inserção de mulheres e homens, a partir de seus papéis masculinos e femininos. Portanto, não existe uma luta geral e depois uma específica, mas em todas as situações que queremos modificar, temos que considerar a superação das desigualdades entre mulheres e homens.

5º) Gênero supera as antigas dicotomias entre produção e reprodução, público e privado e mostra como mulheres e homens estão ao mesmo tempo em todas essas esferas, só que a partir de seu papel masculino ou feminino. Por exemplo, os homens também vivem no espaço doméstico e mesmo aí a eles são destinadas tarefas que poderiam ser interpretadas como produtivas, tais como trocar lâmpadas ou consertar um móvel quebrado.

6º) A análise das relações de gênero só é possível considerando a condição uma maneira diferente de uma negra pobre, com relação a que tipo de esposa cada uma deve ser; as tarefas de mãe, o cuidado com o corpo e a aparência, as boas maneiras etc.

7º) O conceito de gênero possibilita ver o que há de comum entre as mulheres, porque mostra como mulheres e homens estão no conjunto da sociedade. Mostra também a forma como cada mulher individualmente vive essa condição. Ao explicar a incorporação da identidade masculina e feminina, explica a diferença entre mulheres, porque no caso de duas irmãs, ensinadas igualzinho pela mãe, uma é meiga, a outra agressiva, uma aprendeu a gostar de cozinhar e a outra não. É possível olhar na história de cada uma, como essa identidade foi incorporada a partir da aquisição das características masculinas e femininas. Ninguém é 100% masculino ou feminino.

Características consideradas do outro gênero estão presentes em todas as pessoas. Só que são valorizadas de forma diferente, conforme o lugar em que cada um está. Por exemplo, nos espaços políticos, tradicionalmente masculinos, é comum as mulheres serem cobradas a deixarem um pouco de lado a sua feminilidade e demonstrarem características compatíveis com o modelo estabelecido do que é ser militante, forte e combativa, porque só assim os homens irão considerá-las como "fortes", sem "frescuras", que é o que se espera na política, segundo a visão mais comum.